

Jazz

3 de novembro 2014

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Lama + Joachim Badenhorst

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Seg 3 de novembro
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M3

Contrabaixo, eletrónica Gonçalo Almeida
Trompete Susana Santos Silva
Bateria, eletrónica Greg Smith
Clarinete, saxofone tenor Joachim Badenhorst

Em trânsito

Gonçalo Almeida é um de vários músicos nacionais que escolheram desenvolver as suas carreiras fora de Portugal. Partiu para Roterdão, na Holanda, a fim de estudar e por lá ficou, concluída a formação no Conservatório local. Hoje, frequenta mais a cena holandesa do que propriamente a nossa, apesar de tocar no seu país de nascimento sempre que pode. E como o próprio nome – em português – indica, o trio Lama é, até à data, o seu maior investi-

mento “português”, mas isso sobretudo porque integra outro instrumentista do território mais ocidental da Europa, a trompetista Susana Santos Silva, e ainda porque a editora do grupo (Clean Feed) está sediada no distrito de Lisboa.

O projeto Lama é mesmo o resultado das emigrações, ou das migrações temporárias, dos seus constituintes. Santos Silva passou por Roterdão para completar os seus estudos e o terceiro vértice da banda é ocupado por um canadiano, Greg Smith, que Gonçalo – ou Gonzo, como é conhecido nos meios musicais – conheceu naquela cidade, onde o baterista já residia e trabalhava.

Confirma o líder dos Lama: «A composição do trio com o Greg e a Susana está, de facto, relacionada com fatores de ocasião, e também com alguma sorte. Tinha tido a oportunidade de trabalhar com o Greg no acompanhamento de *performances* de dança contemporânea e conhecia-lhe a faceta de baterista

eclético, com vários projetos *groovy*. Conheci depois a Susana e desde cedo senti que tínhamos um bom entendimento musical; ela revelava vontade de se expandir, de explorar novos horizontes. A ideia de montar um grupo sem instrumento harmónico era algo que já tinha em mente há algum tempo e pareceu natural apresentar a ideia aos dois. Depois da primeira sessão, ficou claro que partilhávamos um cenário que todos podíamos explorar e em que podíamos combinar as influências pessoais de cada um. Saímos os três com um sorriso: “Quando é a próxima vez?” O trio estava encntrado e o “lamaçal” sonoro começou.»

Se este encontro de vontades se proporcionou por um semelhante interesse pela improvisação e pela adesão ao formato jazz, os percursos e interesses dos envolvidos eram bem distintos. Susana Santos Silva vinha do *mainstream* e a atividade de Greg Smith ia muito para além da linguagem jazzística. Quanto ao próprio Gonçalo Almeida, era patente a sua atração pela música livremente improvisada e pelas franjas mais exploratórias do rock. O que surgiu destas confluências?

«Nunca quis catalogar a música que faço. Os Lama representam para mim um cruzamento de vários mundos. Baseia-se numa estética jazz, com influência *avant-garde* e *free*. Recorre a estruturas e a composição, mas reserva um espaço para a improvisação livre, a de raiz não-idiomática. Usamos material eletrónico ou até pré-produzido. É uma espécie de jazz eletroacústico. Neste projeto cada um pode dar largas à ima-

ginação e partilhar os universos em que habitualmente se movimenta, saindo ao mesmo tempo dos seus parâmetros de conforto pessoal na busca de novos desafios», esclarece o contrabaixista.

Um contrabaixista improvisador que é, igualmente, um compositor: «Gosto de compor para grupos específicos. Faz mais sentido compor num contexto em que consigo imaginar a interpretação da minha música. Permite-me explorar melhor as ideias. Escrevo tendo em conta a flexibilidade da interpretação. É importante que a música seja orgânica e permita largamente a expressão criativa de todos. Não creio que escreva música complicada, pois nunca tive interesse em intelectualizar o meu trabalho. Preocupa-me, sim, o equilíbrio entre forma/estrutura e o espaço necessário para a improvisação. Admito que o facto de ser contrabaixista influencie a forma como componho, até porque a parte funcional do instrumento está bastante presente em mim. Contudo, não creio que seja determinante. Tanto defino os contornos da composição em torno de uma linha de baixo, como acontece precisamente o contrário...»

A dimensão eletroacústica dos Lama é bem mais programática. «A interação entre elementos eletrónicos e acústicos interessa-me particularmente; considero-a uma área relevante para aprofundar. Não é um fator comum a toda a música que faço, mas no caso desta banda acabou por se desenvolver com naturalidade e subtilidade. O que me conduz não é o intuito de inovar, até porque a introdução de eletrónica está longe de ser algo de novo no jazz, mas

sim a sedução pessoal que me provoca a nível sonoro. Permite-me explorar uma vasta área de possibilidadesónicas», afirma Gonçalo Almeida.

Outro fator distintivo é a inclusão de um quarto elemento como convidado especial, e designadamente um segundo sopro. Verificou-se antes, nos palcos e em disco (*Lamaçal*, 2013), com o saxofonista e clarinetista norte-americano Chris Speed, e repete-se agora com o belga Joachim Badenhorst e os seus clarinetes. As explicações: «A colaboração com o Chris surgiu quando o Portalegre Jazz Fest nos sugeriu a gravação de um álbum ao vivo com alguém do panorama internacional. Admiro imenso a forma de tocar do Chris e pareceu-me que se poderia inserir na nossa música. A experiência foi excelente e levou-nos a querer interagir com outros músicos. O facto de conhecer o Joachim, e de acreditar que uma parceria com ele poderia ser extremamente positiva, levou-nos a convidá-lo. Fizemos alguns concertos na Bélgica e na Holanda no passado mês de abril e correram muito bem, não só em termos musicais como humanos. À semelhança do ocorrido com Chris Speed, a música acabou por se sentir como um todo e não como um trio “mais” convidado.»

Como não podia deixar de ser, uma atuação dos Lama a três e outra com um participante extra resultam de modos diferentes. Mas nem assim tanto, no entender de Almeida: «A inserção de um segundo sopro abre-nos, obviamente, o campo de ação, seja no que respeita aos parâmetros sonoros como de interação e de composição, mas não

vem alterar a essência musical do trio. É sempre música com fundações jazz e de improvisação.»

O certo é que a música dos Lama se distingue substancialmente das de outras formações com a iniciativa ou o envolvimento de Gonçalo Almeida, a exemplo de Spinifex, Atos, Albatre e das suas parcerias com figuras como Fred Lonberg-Holm, John Dikeman, George Hadow e Michal Osowski. «Sim, as abordagens são bastante divergentes, e inclusive no que respeita à orientação estética. As diferenças surgem logo à partida pela utilização do contrabaixo ou do baixo elétrico. Com Lama, Tetterapadequ, Atos ou outro tipo de intervenção improvisada é o uso do contrabaixo que me permite o recurso a um leque extenso de técnicas. É esse o instrumento com que me sinto mais familiarizado e é neste contexto que o meu *background* jazzístico tem mais impacto. Com Albatre e Spinifex opto pelo baixo elétrico e estou muito mais direcionado para uma sonoridade de veia rock, com um som visceral, sujo e poderoso. Digamos que é o meu Yin & Yang. Tanto gosto de intervir melódica, acústica e sensorialmente, como aprecio um lado mais violento, expansivo e *noise*! São duas facetas essenciais da minha maneira de estar na música. O ponto que todos os projetos têm em comum é o facto de caírem fora do *mainstream*. A experimentação está sempre presente e o desafio pessoal é constante», refere.

Ainda assim, a tradição é respeitada e faz-se sentir: «Acredito que a música é para ser sentida e ouvida sem necessi-

dade de criar distinções. Na música que faço, tanto gosto de sentir o que poderá ser uma influência da tradição como da vanguarda do jazz, ou mesmo de outros idiomas musicais. Os Lama talvez façam a ponte entre tradição e vanguarda, mas não penso nisso quando estou a compor. A música que toco tem tudo a ver com a minha personalidade: não tenho tabus. A qualidade da música é o mais importante, no final de contas.»

Aliás, Gonçalo Almeida é muito crítico quanto às atuais separações entre o “verdadeiro jazz” e o “jazz criativo”. «Esse é um conflito que me parece irrelevante. Mentalidade aberta e respeito mútuo são a melhor forma de abrir novos caminhos. Como disse Frank Zappa, “a mente é como um paraquedas, se não for aberta não funciona”», comenta.

Talvez o facto de viver na Holanda, longe da dividida cena lusitana, lhe tenha proporcionado o distanciamento suficiente para ver o problema com maior racionalidade, mas – e apesar, até, de a maior parte dos seus companheiros musicais não serem de Portugal – continua a sentir que há um «sabor português» naquilo que faz, com ou sem o nome Lama, e misturado com outros, muitos, sabores. «A minha herança cultural está inevitavelmente presente, mas conjuga-se com referências universais. Na área do jazz as minhas fontes passam por John Coltrane, Ornette Coleman, Eric Dolphy, John Zorn... No que se refere a grupos experimentais posso nomear Zs, Zach Hill, Lonely Women, 3 Secret Chiefs», concretiza.

Gonçalo Almeida é um português do mundo, e Lama o reflexo da condição

global de uma música feita em trânsito, por gente que se encontra nas encruzilhadas da vida, longe da sua terra-natal e, contudo, tão perto.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

Gonçalo Almeida contrabaixo, eletrónica

Gonçalo Almeida reside em Roterdão, Holanda, onde prosseguiu os seus estudos no Conservatório local, estudando com Heyn van Geyn, Stefan Lievestro, Marius Beets e Peter Leerdman, acabando o seu mestrado em 2008.

Toca numa enorme variedade de projetos que vão do jazz moderno jazz ao *free jazz*, *jazzcore* e improvisação livre. Partilhou o palco com músicos como Carlos Zíngaro, Chris Speed, Michael Vatcher, Wilbert de Joode, Fred Lonberg-Holm, Rodrigo Amado, Tobias Klein e Jasper Stadhouders, entre muitos outros.

Para além disto, tem colaborado em projetos interdisciplinares com vídeo, dança moderna, poesia e teatro.

Nos grupos principais onde se encontra envolvido, tal como os Lama, os Albatre e os Atos, junta ao seu papel de contrabaixista o de compositor.

Susana Santos Silva trompete

A formação de Susana Santos Silva foi realizada numa perspectiva de abertura,

descoberta e assimilação de outros pontos de vista e outras vivencialidades: completou em Roterdão, na Holanda, os estudos iniciados no Porto, e o seu percurso tem tido desde sempre uma dimensão internacional, seja com o trio Lama, o duo com a pianista Kaja Draksler, as colaborações com o grupo De Beren Gieren e com a European Movement Jazz Orchestra, ou ainda a sua integração na Orquestra Jazz de Matosinhos. Teve já ocasião de trabalhar com figuras como Lee Konitz, Carla Bley, Steve Swallow, Maria Schneider, Joshua Redman, Chris Cheek, Mark Turner, Kurt Rosenwinkel, John Hollenbeck e Theo Bleckman, entre outros.

Greg Smith bateria, eletrónica

Greg Smith, nascido e criado em Montreal, Canadá, estudou no departamento de música clássica da prestigiada McGill University durante dois anos antes de mudar para a bateria.

Aprendeu a tocar bateria jazz a ver e ouvir alguns dos seus músicos favoritos como Elvin Jones, Al Foster, Tony Williams e Jack Dejohnette.

A primeira banda de jazz que teve, Life On Mars, tocou e gravou com David Binney. Em 1997, mudou-se para a Holanda onde começou a compor para dança moderna/ballet e para companhias cinematográficas europeias.

Para além de jazz, toca outros estilos musicais como R&B, música africana e *hip hop*. Recentemente tocou para Bill Withers no Teatro Carre Amsterdam

ao lado do músico nomeado para um Grammy, Ryan Shaw, de Kori Withers (filha de Bill) e Sandra St Victor (Family Stand).

Joachim Badenhorst clarinete, saxofone tenor

Joachim Badenhorst nasceu em Antuérpia, Bélgica, em 1981. Estudou clarinete clássico durante a sua infância e mais tarde frequentaria o Royal Conservatory of the Hague, com os clarinetistas John Ruocco e Michael Moore, onde obteve o seu mestrado em 2005.

Como colíder tocou nos grupos europeus Red Rocket (Irlanda), Mogil (Islândia), Rawfishboys (França), Ploug-Pettersen-Badenhorst (Dinamarca), Skakk (Noruega), Os Meus Shorts (Bélgica) e Martin Schoenlieb (Áustria).

Joachim Badenhorst mudou-se para Nova Iorque no início de 2009, onde ainda mora atualmente, e tem-se destacado ao lado de nomes como John Hollenbeck, Frantz Loriot, Pascal Niggenkemper, Kris Davis e Tony Malaby, entre tantos outros.

Na europa mantém-se como parte do trio do lendário baterista holandês Han Bennink, cujo CD *Parken* recebeu críticas pelo mundo inteiro.

lamatrio.wordpress.com

Próximo espetáculo

Mirage

Miragem

Um solo de Ann Papoulis Adamovic

Dança Sex 14, sáb 15 de novembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12



Ann Papoulis Adamovic criou e dançou solos em Nova Iorque e na Europa e coreografou para companhias de dança na Dinamarca, Croácia, Eslovénia e França. Foi professora no Merce Cunningham Studio e deu aulas de técnica Cunningham nas companhias da Ópera de Lyon, Philippe Decouflé, Angelin Preljocaj, Rosas e Wim Vandekeybus, entre outras, e em escolas de dança e teatro em numerosos países. *O solo Mirage transmite, através de dança, música e filme, reflexões fragmentadas sobre as trevas do nosso tempo e a busca da beleza para combater essas trevas.*

Ann Papoulis Adamovic

Próximo espetáculo de música

Baba Mongol

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Seg 17 de novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Apesar do *background* dos seus membros estar claramente assente no jazz, o som dos Baba Mongol não dispensa a associação a géneros tão distantes como o rock e a música tradicional portuguesa. O último álbum do quinteto, *Eles e os Outros*, foi um dos melhores discos nacionais de 2013, de acordo com os críticos do *jazz.pt*.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
